

Ursula K. Le Guin e a nova utopia

Frank Rudiger Lopes
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social, FFLCH/USP
frank.lopes@usp.br

Resumo: Ursula K. Le Guin foi uma escritora célebre e premiada da ficção científica na segunda metade do século XX. Pouco pesquisada no Brasil, ela transformou e repensou diversos aspectos do subgênero, especialmente na literatura utópica. Levando em consideração um de seus maiores romances, *Os despossuídos*, pretendemos explanar como há a construção de uma utopia de modo distinto e novo. Há na “utopia ambígua” de Anarres uma outra configuração do que se pode realizar no gênero utópico. Argumentamos como a introdução de um tempo histórico à utopia e a própria construção do enredo e sua resolução a distinguem da imagem tradicional de sociedades fechadas e supostamente perfeitas, inclusive contra uma própria parte da crítica desse romance que o limita ao “distópico”. Assim, buscamos constatar mais da relevância de Le Guin e desse romance na abordagem de uma de suas mais impactantes dimensões, ao transformar e imaginar diferentemente uma forma literária clássica como a literatura utópica.

Palavras-chave: Ursula K. Le Guin; *Os despossuídos*; utopia.

Utopia: tratado, romance, esperança

A literatura de ficção científica da segunda metade do século XX empreendeu novas explorações seja de seus próprios subgêneros como de outras concepções literárias, como com os diferentes trabalhos com distopias e, de maior destaque em nosso caso, utopias. A utopia como subgênero literário, com sua longa história desde *Utopia* de Thomas Morus – ou *A República* de Platão, como possível ponto original – era tradicionalmente conceituada como a visualização de um projeto, um plano posto em prática e que, em tese, dialogaria com e criticaria algum aspecto da época de sua escrita. Assim, se imaginava uma sociedade perfeita, ideal, um “não lugar” superior ao presente vivido e, em diversos casos, representado como um objetivo a se alcançar.

Introduzamos assim o romance sobre o qual a abordagem será feita, suas interações com este ideal inicial de literatura utópica e o que o torna tão distinto e efetivamente novo. Trata-se de *Os despossuídos*: uma utopia ambígua, de Ursula K. Le Guin, publicado em 1974. A obra narra a jornada de um físico, Shevek, saindo de sua sociedade e lua natal de Anarres para conhecer a sociedade e planeta da qual seus antepassados partiram, Urras, que seria, ainda, um espaço para desenvolver suas próprias pesquisas e teorias sobre física temporal. A história é contada por meio de capítulos intercalados entre memórias da vida de Shevek na singular sociedade anarquista de Anarres e as suas descobertas no planeta rival de Urras, mais

semelhante a uma Terra durante a Guerra Fria – vide, por exemplo, os diferentes Estados-nação, as superpotências de A-Io e Thu, respectivamente, com seu Estado capitalista e socialismo autoritário, ou a nação menor e rebelde de Benbili, palco de conflitos para os dois poderes mencionados.

Durante tal percurso simultaneamente conhecemos as condições do lar de Shevek, sua história e grande parte de seus problemas atuais, assim como acompanhamos suas aventuras nesse outro planeta que também compõe a história de sua sociedade. No romance, múltiplas explorações do que significam utopia, posse, relacionamentos, ciência, comunidade e individualidade ocorrem. Nosso foco será, especialmente, no feito que *Os despossuídos* realiza ao construir uma literatura utópica distinta, e as marcas principais que permitem tal caracterização. A operação aqui feita será com uma dimensão narrativa da obra, isto é, como o próprio enredo e conclusão destoam da tradição, mas sem abandonar aspectos utópicos; com um gotejo como parte da crítica e como ambas as características de “utópico” e “distópico” são utilizadas especialmente nesse romance; e com os efeitos e resultados da inserção da História em um romance utópico, sumariamente, a impossibilidade de um fim da história e da própria utopia, mas preservando um utopismo.

Antes da abordagem direta, contudo, é relevante recuperar, brevemente, o que esse subgênero literário tem significado e representado tradicionalmente, assim como suas principais críticas, de modo geral. As utopias literárias foram questionadas tanto política como socialmente, pelo seu conteúdo e por sua estrutura: projetos inviáveis, estáticos no tempo, ahistóricos, possíveis somente por seu isolamento etc. A caracterização que uma parte da crítica teve sobre elas não foi de abordá-las favoravelmente, mas ao contrário, como verdadeiras distopias. Isto é, sociedades eminentemente negativas, do agravamento de violência, exploração e controle, como o são os exemplos clássicos de *1984*, *Admirável mundo novo* e *Fahrenheit 451*¹.

Pretendemos argumentar, contudo, como *Os despossuídos*, em suas transformações da ficção científica, manteve a possibilidade de se representar uma sociedade superior à do presente aberta, preservou esse espaço imaginativo de esperança. Fundamentalmente, esta obra, como principal representante dessa corrente de revitalizar o que são e podem ser as

¹ Ver críticas de pensadores anti-utópicos, como Michael Oakeshott, Isaiah Berlin e John Rawls, resumidas e questionadas em CURTIS, Claire P., “Ambiguous Choices: Skepticism as a Grounding for Utopia” in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *The New Utopian Politics of Ursula K. Le Guin’s The Dispossessed*. New York: Lexington Books, 2005. p. 265-282

utopias literárias, construiu um universo ficcional e uma narrativa que não escapam à história, à transformação e abraçando o literário mais do que um projeto político ou psicológico dotado de uma narrativa. Note-se, inclusive, um comentário a respeito da própria autora a respeito de sua escolha, em um apêndice a *The New Utopian Politics of Ursula K. Le Guin's The Dispossessed*, de 2005:

It [*The Dispossessed*] has generally, not always but often, been discussed as a treatise, not a novel. This is its own damn fault, of course – what did it expect, announcing itself as a utopia, even if an ambiguous one? Everybody knows utopias are to be read not as novels but as blueprints for social theory or practice. But the fact is that (...) I read utopias as novels. Actually, I read everything as novels, including history, memoir and the newspaper – I think J. L. Borges is quite correct, all prose is fiction. So when I came to write a utopia of course I wrote a novel.²

Portanto, a abordagem feita será a de um romance, em suas construções e movimentações, de modo a justificar como *Os despossuídos*, em sua estruturação literária, é capaz tanto de construir um romance utópico cativante e distinto dessa expectativa que o leria como um tratado, assim como na realização de uma utopia que escapa às críticas anti-utópicas e distópicas que caracterizavam obras anteriores. Se *Utopia* era efetivamente um projeto muito mais negativo que positivo, Le Guin, especialmente em suas ambiguidades, constrói, na sociedade de Anarres, um potencial positivo concreto que, se não perfeitamente utópico, deste ideal se aproxima bem mais do que outros esforços.

De modo a compreender o trabalho realizado pela autora e constatar as diferenças deste romance, é importante considerar dois conceitos e dinâmicas na obra. As dualidades, especificamente entre Anarres e Urras, e as ambiguidades, como tais caracterizações são montadas e que tipo de engajamento ocorre com a ideia de utopia ou mesmo entre as concepções de escolhas e perspectivas. Formulando as seguintes perguntas: qual é a utopia na obra? Ambas são distopias? É possível uma utopia? Propostas que pretendemos responder a seguir.

Dualidades e ambiguidades

² LE GUIN, Ursula K., “A Response, by Ansible, from Tau Ceti” in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *Op cit.* p. 306. – Ele [*Os despossuídos*] tem geralmente, nem sempre, mas com frequência, sido discutido como um tratado, não um romance. E a culpa é toda sua, é claro – o que ele esperava, apresentando-se como uma utopia, mesmo que uma ambígua? Todo mundo sabe que utopias devem ser lidas não como romances, mas como planejamentos para teoria ou prática social. Mas o fato é que (...) eu lia utopias como romances. Na verdade, eu leio tudo como romances, inclusive história, memória e o jornal – penso que J. L. Borges tinha razão, toda prosa é ficção. Então quando fui escrever uma utopia, é claro que escrevi um romance. (Tradução própria)

Os planetas, Urras e Anarres, frequentemente descritos como “lua” um do outro, são sempre postos em contraste, Urras seria o inferno para os anarrestis, com seu capitalismo e exploração. Já Anarres seria um projeto patético para alguns, ou um ideal futuro para outros, de acordo com a classe social do urrastis que comentasse um aspecto ou outro.

Logo de início, é necessário elaborar a respeito das circunstâncias iniciais em que encontramos os planetas. Anarres, no caso, é acometido pela escassez, é um planeta de seca, pouca vegetação e mínima chuva, em que o trabalho duro é uma exigência mínima para a sobrevivência. Argumento até mesmo elevado ao máximo, com concepções a respeito da inseparabilidade da utopia de dimensões de escassez³. Não aprofundaremos tal ponto aqui, mas é uma característica necessária a respeito de como Anarres possui diversos problemas, se somente por seu ambiente natural, e como tais elementos já o distanciam de qualquer utopia tradicional.

Em seguida, a “utopia” de Anarres, é ainda mais rapidamente despida desse caráter em termos totais, isto é, como uma utopia perfeita, há outros tipos de problema também: domínio burocrático, conformismo, dogmatismo, um domínio da maioria. Como afirma um dos amigos próximos de Shevek, Bedap:

– Ninguém nasce odoniano, assim como ninguém nasce civilizado! Mas esquecemos isso. Não educamos para a liberdade. A educação, a atividade mais importante do organismo social, tornou-se rígida, moralista, autoritária. As crianças aprendem a papaguear as palavras de Odo como se fossem *leis*... a suprema blasfêmia! (...)

– É sempre mais fácil não pensar por si mesmo. É só encontrar uma bela e confortável hierarquia e se acomodar. Não faça mudanças, não corra o risco de ser desaprovado, não aborreça seus síndicos. É sempre mais fácil deixar-se governar.⁴

Tal descrição não representa uma sociedade perfeita, de modo algum. Há elementos positivos ainda, comida, moradia, saúde, educação e trabalho para todos, condições e demandas de movimentos políticos há séculos e do nosso próprio presente. Porém, em termos dos ideais anarquistas – no romance, apresentados como odonianismo, de sua principal intelectual e ativista, Laia Asieo Odo –, não se trata mais de uma livre associação de indivíduos, mas da existência em uma sociedade governada pela opinião pública e uma determinada tradição. Esta, que Shevek experiencia em suas pesquisas temporais como físico,

³ Ver JAMESON, Fredric. World Reduction in Le Guin: The Emergence of Utopian Narrative. *Science Fiction Studies*, Indiana, n. 7, v. 2, parte 3, nov. 1975.

⁴ LE GUIN, Ursula K., *Os despossuídos*. Tradução de Susana L. de Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019. Capítulo 6, p. 168.

ao buscar uma teoria geral do tempo que estabeleça uma conciliação entre o paradoxo da experiência relativa do tempo (no que diz respeito a memórias e aspectos cíclicos), a Simultaneidade, e a experiência concreta, linear, da Sequência. Seus estudos são vistos como excessivos, egoístas, e ele deve se exilar para poder continuar suas pesquisas e concluí-las.

Contudo, as sociedades de Urras também não representam uma utopia em si, mesmo em suas diferenças da Terra, principalmente, em relação a conservação ecológica e preservação ambiental, que configuram uma abundância ainda mais exuberante que a terrestre. Para compreender o jogo realizado entre ambas, citemos um diálogo que aborda essa ambiguidade e que inclusive é utilizado por uma parte da crítica para apontar um pretense utopismo em Urras, e tornaria a distinção entre os dois corpos celestes e suas realidades mais indistintas⁵. Trata-se de um diálogo de Shevek com um alienígena que não pertence nem a Urras nem a Anarres, pertence à Terra, uma Terra devastada e apocalíptica, governada tiranicamente para a sobrevivência da espécie, a embaixadora, Keng, diz:

– (...) Deixe-me falar como vejo este mundo. Para mim, e para meus companheiros terranos que viram o planeta, Urras é o mais agradável, mais variado e mais belo dos mundos habitados. É o mundo que mais se aproxima do Paraíso. Ela olhou para ele com serenidade e intensidade; ele não falou nada.
– Sei que está cheio de maldade, cheio de injustiça humana, ganância, loucura, desperdício. Mas também está cheio de bondade, de beleza, de vitalidade, de realizações. É assim que um mundo deve ser! Ele está vivo, tremendamente vivo... vivo, apesar de todas as maldades, e tem esperança. Não é verdade?⁶

Para ela, Urras é a única esperança e caminho possível, é uma realização que ela acredita ser possível e também familiar à Terra, especialmente tendo em via as analogias com a Guerra Fria. Porém, aceitar Urras como paraíso ou utopia, argumentativamente significa tornar aceitáveis determinadas dinâmicas, como os imperialismos de A-Io e Thu e sua dinâmica de guerras frequentes via países menos desenvolvidos, leia-se Terceiro Mundo. Shevek não nega a “beleza do embrulho” de Urras, mas, e especialmente em relação a história e utopia, ele busca expandir o que a própria Keng conhece como “possível”, ele aponta a possibilidade e necessidade de um utopismo, seja em meio a devastação, dominação ou privação:

– (...) Você acha que Anarres é um futuro que não pode ser alcançado, como seu passado não pode ser alterado. Assim, não há nada além do presente, este planeta Urras, o presente rico, real, estável, o momento de agora. E você pensa que é algo que pode ser possuído! Você o inveja um pouco. Você pensa que é algo que gostaria

⁵ Como em TUNICK, Mark “The Need for Walls: Privacy, Community and Freedom in *The Dispossessed*” e ELLIOT, Winter. “Breaching Invisible Walls: Individual Anarchy in *The Dispossessed*”, in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *Op cit.* p. 129-164.

⁶ LE GUIN, Ursula K. *Ibidem*. Capítulo 11, p. 339-340.

de ter. Mas não é real, sabe. Não é estável, não é sólido... nada é. As coisas mudam, mudam. Não se pode ter nada... E muito menos o presente, a não ser que você o aceite junto com o passado e o futuro. Não apenas o passado, mas também o futuro, não só o futuro, mas também o passado!⁷

Com tal percurso em mente, apresentadas e elaboradas algumas das noções de utopia no romance, apontamos como nem Anarres nem Urras são utopias. Possuem múltiplos problemas e falhas, de natureza ambiental, social e política. Contudo, não se pretende descrever a dinâmica de ambos como fechada em órbitas, em múltiplas relações e conexões, mas que mantém uma ambiguidade de ambos os níveis, como iguais distopias. Exatamente o oposto: “Urras is not ambiguous; it is complex, but wholly predictable”⁸, não se trata de um jogo igual, e reconhecer igual “ambiguidade” em Urras é aceitar problemas como os que citamos. Que, em uma preferência por Anarres, tal como Shevek expõe na citação apresentada, há ao mesmo tempo uma ambiguidade crítica, mas uma possibilidade utópica preservada, dada especialmente pelo modo e a ação do retorno de Shevek a Anarres.

Retorno e escolha da utopia

Em uma de suas explorações pelo planeta de Urras, Shevek encontra a lápide da fundadora do movimento revolucionário que gerou seu lar de Anarres, o túmulo de Odo. O texto, mencionado múltiplas vezes ao longo da obra, estabelece o desenrolar do enredo do início ao fim: “a verdadeira viagem é o retorno.”⁹ Isto é, Shevek parte de sua lua/planeta natal, descobre uma parte desse mundo que observava no céu toda a sua vida, e retorna ao lar, sob condições dúbias, mas otimista e tendo feito sua escolha. Assim, ele decide pela utopia, uma utopia problemática, incerta, cujo próprio futuro permanece em jogo, mas, reforçado pelo presente e pelo passado, a sua opção é por aquilo que ele julgou crescer com sua vida inteira, uma utopia anarquista. Anarres pode não ser uma utopia, mas permanece significativo e um símbolo de esperança igualmente.

Como abordam os próprios movimentos socialistas e anarquistas de Urras, com os quais Shevek brevemente encontra, apontam:

– (...) Você sabe o que a sua sociedade tem significado aqui, para nós, nos últimos cento e cinquenta anos? Você sabe que quando as pessoas querem desejar boa sorte umas às outras dizem “que você renasça em Anarres”? Saber que ela existe, saber que existe uma sociedade sem governo, sem polícia, sem exploração econômica,

⁷ LE GUIN, Ursula K. *Ibidem*. Capítulo 11, p. 341-342.

⁸ CURTIS, Claire P. *Ibidem*. P. 275 – Urras não é ambíguo; é complexo, mas inteiramente previsível. (Tradução própria).

⁹ LE GUIN, Ursula K. *Ibidem*. Capítulo 3, p. 91.

saber que nunca mais se pode dizer que é só uma miragem, um sonho idealista! (...) Mas porque você é uma ideia. Uma ideia perigosa. A ideia do anarquismo, em carne e osso. Andando entre nós.¹⁰

Tal diálogo, que antecipa uma passeata e repressão violenta, não deixa de descrever e apontar o significado de utopia, mesmo como ideia, dotada de potencial político e revolucionário. Shevek reconhece, intimamente, a ausência da utopia em sua casa, mas não elimina também o que representa a existência de Anarres para esses outros movimentos, o “espírito da utopia”, como dizia e trabalhava Ernst Bloch¹¹.

Shevek compreende não somente o que é Anarres como sociedade concreta, falha e imperfeita, mas também o que é como um símbolo, uma esperança e até um horizonte, como ele elucidará no diálogo com Keng. Desse modo, inclusive, ele é capaz de encontrar seu caminho para retornar e perseverar no utopismo de Anarres, uma vez que apreendeu a específica prosperidade que sua lua possui, especialmente após ter vivido e testemunhado o inferno de Urras, com sua miséria, guerras e opressão. Como ilustra Claire P. Curtis do que Anarres busca ser, em seu jogo com o ideal e o real: “Anarres is trying - trying to be itself and to discover what it is to be itself. Anarres is not trying to achieve perfection. It is trying to stay true to the principles that its inhabitants have endorsed: brotherhood, equality, freedom.”¹²

No entanto, é necessário fazer uma ressalva e um comentário a tal caracterização de Anarres como utópico – se não uma utopia –, em relação a como essa sociedade foi vista por uma parte da literatura que questiona essa dimensão. E as limitações de tal perspectiva, como não conciliar o final em termos amplos a não ser como parte de uma jornada pessoal e individual; inclusive sem comentar o efeito da descoberta científica de Shevek que habilitaria o ansível, um telefone celular interplanetário, para o universo concreto que temos ao final. Assim, para compreender o modo como Anarres e *Os despossuídos* marca uma literatura utópica, abordemos uma parte dessas críticas, e o que é perdido quando, em vias de uma interpretação tradicional de utopias, esse romance é também incluído como criando cenários distópicos de uma lua a outra.

Literatura utópica e/ou distópica

¹⁰ LE GUIN, Ursula K., *Ibidem*. Capítulo 9, p. 289-290.

¹¹ BLOCH, Ernst. *The Spirit of Utopia*. Translation by Anthony A. Nassar. Stanford: Stanford University Press, 2000.

¹² CURTIS, Claire P. *Ibidem*. p. 279 – Anarres está tentando - tentando ser a si mesmo e descobrindo o que é ser ele mesmo. Anarres não está tentando alcançar a perfeição. Ele está tentando se manter verdadeiro aos princípios que seus habitantes endossavam: irmandade, igualdade, liberdade. (Tradução própria).

Crucial, de início, recuperar uma parte da crítica às utopias literárias, assim como seus benefícios, e como a obra tratada diverge desde o início e não só se defende bem, mas escapa desse tipo de questionamento. Há uma inversão no romance, ao contrário do viajante à utopia, temos o viajante *de* utopia, que também reforça todos os tons ambíguos já comentados. O normal, o esperado, era daquele que chegava nessa outra sociedade, um estranho, de nosso mundo ou distinto, que visita um espaço idílico, teoricamente perfeito e superior. Porém, este esforço comprazia limitações: utopia para quem? Sob que condições? Questões que, usadas como lentes para a leitura, desenrolam tensões existentes nessas caracterizações “impecáveis”, seja a de uma determinada forma de controle social, ou mesmo do isolamento e a apresentação delas como sociedades fechadas.

No romance tratado há referências a esses elementos, e de forma muito semelhante, como em reconhecimento à existência dessas críticas feitas à literatura utópica, uma vez que se aplicam a Anarres, que seria uma sociedade melhor que a do presente. Porém, de modo invertido, é o habitante de utopia que visita a “distopia”, como ele a conhece, buscando recuperar algo dela. No entanto, esse movimento não encerra uma mão única, mas cíclica, como abordamos. A utopia não é “derrotada”, sendo abandonada por seu nativo, mas recuperada, ele volta. O que a obra nos apresenta é um homem que busca descobrir algo sobre si mesmo e sua sociedade, o seu passado, enquanto também busca algo novo, um futuro, para renovar seu próprio mundo. Isto é, um percurso que podemos considerar para a própria concepção de literatura utópica.

Utopia, inclusive, que não é clara em momento algum do romance. Há uma preferência por Anarres, de fato, mas a conclusão desta sociedade como uma utopia ou não cabe ao leitor, à crítica, que buscamos estar constatando ao longo do texto. Concretamente, ao longo de diversos artigos, e inclusive na obra citada sobre as novas políticas utópicas de Le Guin, há uma divisão um tanto clara entre a crítica: ou Anarres configura uma distopia, por suas falhas de domínio da maioria, supressão da criatividade individual e isolamento¹³; ou Anarres é uma utopia problemática, tão próxima de um projeto utópico quanto possível, mas não um fim em

¹³ Citando alguns artigos e capítulos que definimos como “anti-Anarres”: LINDOW, Sandra J. “Mapping the Walls of *The Dispossessed*”, *Extrapolation*, Texas, v. 52, no. 2, 2011; KHOURI, Nadia. The Dialectics of Power: Utopia in the Science Fiction of Le Guin, Jeury, and Piercy (Dialectique du pouvoir: l'utopie dans la science-fiction de Le Guin, Jeury et Piercy) *Science Fiction Studies*, Indiana, v. 7, no. 1, Science Fiction on Women, Science Fiction by Women (Mar., 1980), pp. 49-60; TUNICK, Mark. “The Need for Walls: Privacy, Community and Freedom in *The Dispossessed*” ELLIOT, Winter. “Breaching Invisible Walls: Individual Anarchy in *The Dispossessed*”, HAMMER, Everett L. “The Gap in the Wall: Partnership, Physics and Politics in *The Dispossessed*”, in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *Op cit.* p. 129-164 e pp. 219-231.

si mesmo, apresentada como uma sociedade em transformação e com a necessidade de continuar esse processo, não o interromper.¹⁴

As posições são muito diversas, partindo de pontos distintos e abordando uma série de questões, de ecologia a ceticismo e comunidade, seja de um lado como de outro. Porém, a premissa inicial de uma rejeição ou adoção crítica a Anarres como utópico permanece. Buscamos apontar, especialmente com o ponto final relacionado à História, como negar a particularidade da literatura utópica de romances como *Os despossuídos*, ou mesmo outros, no caso das obras abordadas por Tom Moylan em *Demand Utopia*, é não compreender os esforços particulares que são realizados. E o argumento deste autor, de que configuram uma “utopia crítica” impelem a leituras que consideram os textos no que concebem em específico, como a própria Le Guin comentou, de serem romances, não tratados, apesar de serem “literatura utópica”.

Dessa forma, Moylan constata como essas obras estão: “Aware of the limitations of the utopian tradition, so that these texts reject utopia as a blueprint while preserving it as a dream”¹⁵. Ou seja, há uma particularidade nesses textos que é perdida caso se busque compreendê-los simplesmente como outras utopias foram ou mesmo como uma distopia; ponto inclusive que Fredric Jameson indica, se não com relação a essa obra, de que o tratamento dado a distopias valoriza o seu esforço moderno e suas “representações realistas”, enquanto utopias não seriam nada mais que “fantasias bobas.”¹⁶ Ao se buscar tornar o romance uma narrativa distópica, de “distopizar”, deixa-se de compreender as especificidades e méritos de *Os despossuídos*. Torna-se uma perspectiva que não apreende essas obras com o pleno esforço realizado, e que permanece com leituras e abordagens incompletas.

¹⁴ Contraopondo outros textos mais simpáticos a Anarres: CROSS, Katherine. “Naming a Star: Ursula Le Guin’s *The Dispossessed* and the Reimagining of Utopianism” *American Journal of Economics and Sociology*, v. 77, no. 5 (Nov., 2018); URBANOWICZ, Victor. “Personal and Political in *The Dispossessed*” *Science Fiction Studies*, Indiana, n. 15, v. 5, parte 2 (Jul. 1978); WILLIAMS, Raymond. “Utopia and Science Fiction” *Science Fiction Studies*, Indiana, n. 16, v. 5, parte 3, (Nov. 1978); JAMESON, Fredric. “Progress Versus Utopia; or, Can We Imagine the Future?” *Science Fiction Studies*, n. 27, v. 9, parte 2 (Jul. 1982); MOYLAN, Tom. *Demand the Impossible: Science Fiction and the Utopian Imagination*. Berlin: Peter Lang, 2014; CURTIS, Claire P. “Ambiguous Choices: Skepticism as a Grounding for Utopia” e PLAW, Avery. “Empty Hands: Communication, Pluralism, and Community in Ursula K. Le Guin’s *The Dispossessed*” in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *Op cit.* pp. 265-304.

¹⁵ MOYLAN, Tom. *Demand the Impossible: Science Fiction and the Utopian Imagination*. Berlin: Peter Lang, 2014. p. 10 – Cientes das limitações da tradição utópica, de modo que esses textos rejeitam utopia como projeto, mas a preservam como sonho (Tradução própria)

¹⁶ JAMESON, Fredric. “Journey into Fear”, in: _____, *Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions*. London: Verso, 2005. pp. 182-210.

Concluiremos adiante com essa dimensão histórica, que opera como principal marcador de um trabalho tão distinto.

História invade utopia

Novas utopias, especialmente *Os despossuídos*, rejeitaram essas sociedades como um “fim da história”, mas o utopismo permanece. Cria-se então narrativas que abrangem o tempo e a história, abraçando sua principal consequência, isto é, a impossibilidade do projeto último. Uma utopia como destino desaparece, mas não seu horizonte, ponto que Moylan argumenta: “There can be no Utopia, but there can be utopian expressions that constantly shatter the present achievements and compromises of society and point to that which is not yet experienced in the human project of fulfilment and creation.”¹⁷ E Shevek corrobora em um trecho inclusive já citado: “– (...) As coisas mudam, mudam. Não se pode ter nada... E muito menos o presente, a não ser que você o aceite junto com o passado e o futuro. Não apenas o passado, mas também o futuro, não só o futuro, mas também o passado!”¹⁸

Utopia deixa de ser um lugar concreto, mas o impulso, a esperança, o esforço, se renovam, em um romance no qual o habitante de “utopia” necessita da distopia, de seu passado, para avançar no tempo. A veemência de Shevek, ao final, de que “– Somos os filhos do tempo.”¹⁹ Opera como uma obstinação, em referência à discussão com Keng, de que o futuro não é um terreno isolado, fechado, mas um campo aberto.

Pode-se compreender ainda melhor com a circularidade do romance: Shevek deixa sua lua natal para avançar suas pesquisas, redescobre as razões para a revolução de seu planeta e retorna ao lar para continuar com as mudanças e caminhos de sua sociedade. Com a recuperação da história de Odo, do odonianismo, e o próprio presente de Urras, Shevek compreende na prática o que Anarres é e representa, em suas limitações e possibilidades. Há mais em jogo do que uma ampla rejeição de princípios utópicos ou da ideia de um futuro melhor, há “uma utopia ambígua”, um sonho, uma esperança que permanece viva, seja no impulso de Shevek de tanto realizar suas pesquisas e viagem contra as vigências tradicionais de isolamento, como em divulgar seus resultados para todos os povos conhecidos, Urras, Anarres, e os alienígenas de Terra e Hain.

¹⁷ MOYLAN, Tom. *Op cit.*, p. 27. – Não pode haver Utopia, mas pode haver expressões utópicas que constantemente estilham conquistas do presente e concessões sociais e apontam para aquilo que ainda não foi vivenciado no projeto humano de satisfação e criação.

¹⁸ LE GUIN, Ursula K. *Ibidem*. Capítulo 11, p. 342.

¹⁹ LE GUIN, Ursula K. *Ibidem*. Capítulo 13, p. 377.

A História invade a narrativa utópica em *Os despossuídos*. Por mais que no presente que Shevek vivencia como criança há um isolamento de sua sociedade e uma estagnação até distópica, ao longo do texto e com a sua própria jornada há tanto uma visualização do que consistiu o passado de Anarres, o que havia antes e como se chegou a tal realidade – os problemas ligados a tal criação, na “compra” dos odonianos com a lua de Anarres –, as suas consequências, o presente com suas dificuldades, e, por fim, a esperança e possibilidade de futuro deixadas abertas pelo final.

Utopias tradicionais abraçavam uma ideia de perfeição, um projeto até. Com a rejeição de ambos há algo novo, mas com uma parcialidade notável, Anarres não é perfeito, mas seu sonho não é desvalorizado, há um reforço de seu utopismo também como crítica à sua realidade do presente. O estabelecimento, por exemplo, do Sindicato de Iniciativa, por Shevek e Bedap, e a informação de que eles como grupo cresceram enquanto o primeiro esteve em Urras indica que um potencial transformador positivo continua a existir. Trata-se de um objetivo revolucionário contínuo, renovado e encorajado, não como dogma ou destino, mas como caminho. Shevek refere-se à ideia de casa e a possibilidade de retorno, mesmo diante da história, um ponto que sua teoria busca conciliar, e sua resposta vale para Anarres e Utopia: “*Pode-se voltar para casa, afirma a Teoria Temporal Geral, desde que se compreenda que casa é um lugar onde nunca se esteve.*”²⁰

Anarres nunca foi uma Utopia e nunca será. Mas não deixa de ser um lugar superior a Urras, livre de domínio e exploração econômica, possuindo moradia, saúde, educação, alimento e emprego para todos, sem exceção, mesmo em condições de fome e dificuldades naturais. E, ainda, o esforço por Anarres, a luta, transformação e crítica constante e necessária por essa forma anarquista de sociedade é valorizada, é a escolha de Shevek de perpetuar sua luta e história. Por meio de sua opção e ampliada concepção histórica, “utopia” transforma-se em uma atitude a se ter diante da vida e sociedade humana. A perfeição pode ser inalcançável, mas o esforço por ela, pelo melhor, consciente de dificuldades e limitações, como um método crítico²¹, é uma das criações mais singulares de *Os despossuídos*, mesmo em relações a outras “utopias críticas”.

Ursula K. Le Guin estabelece e marca uma nova utopia, ambígua, que é contaminada pela história, pelo conflito humano, pela escassez e pela dificuldade. Porém, o utópico segue

²⁰ LE GUIN, Ursula K. *Ibidem*. p. 63.

²¹ STOW, Simon. “Worlds Apart: Ursula K. Le Guin and the Possibility of Method” in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *Op. cit.* pp. 37-51

vivo, como uma esperança renovada e crítica, que não se desespera, derrotada. Opta-se pelo lar, pela imperfeição, somente por ter reconhecido sua história em primeira mão do inferno de Urras, que Shevek é capaz de renovar a promessa de seus antepassados. A História mantém, revitaliza e traz esperança à Utopia. O sonho se mantém, mais lúcido e talvez até tímido, mas abraçado por inteiro, com Shevek saindo da nave que o trouxe de volta a seu lar, sem conhecer o futuro, mas não menos motivado de lutar por ele, pelo belo, pelo utópico.

Referências Bibliográficas

- BLOCH, Ernst. *The Spirit of Utopia*. Translation by Anthony A. Nassar. Stanford: Stanford University Press, 2000.
- CROSS, Katherine. “Naming a Star: Ursula Le Guin’s *The Dispossessed* and the Reimagining of Utopianism” *American Journal of Economics and Sociology*, v. 77, no. 5 (Nov., 2018).
- CURTIS, Claire P., “Ambiguous Choices: Skepticism as a Grounding for Utopia” in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *The New Utopian Politics of Ursula K. Le Guin’s The Dispossessed*. New York: Lexington Books, 2005. pp. 265-282.
- DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *The New Utopian Politics of Ursula K. Le Guin’s The Dispossessed*. New York: Lexington Books, 2005.
- ELLIOT, Winter. “Breaching Invisible Walls: Individual Anarchy in *The Dispossessed*”, in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *The New Utopian Politics of Ursula K. Le Guin’s The Dispossessed*. New York: Lexington Books, 2005. pp. 149-164.
- HAMMER, Everett L. “The Gap in the Wall: Partnership, Physics and Politics in *The Dispossessed*”, in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *The New Utopian Politics of Ursula K. Le Guin’s The Dispossessed*. New York: Lexington Books, 2005. pp. 219-231.
- JAMESON, Fredric. World Reduction in Le Guin: The Emergence of Utopian Narrative. *Science Fiction Studies*, Indiana, n. 7, v. 2, parte 3, nov. 1975.
- _____. “Progress Versus Utopia; or, Can We Imagine the Future?” *Science Fiction Studies*, n. 27, v. 9, parte 2 (Jul. 1982).
- _____. “Journey into Fear”, in: _____, *Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions*. London: Verso, 2005. pp. 182-210.
- KHOURI, Nadia. The Dialectics of Power: Utopia in the Science Fiction of Le Guin, Jeury, and Piercy (Dialectique du pouvoir: l’utopie dans la science-fiction de Le Guin, Jeury et Piercy) *Science Fiction Studies*, Indiana, v. 7, no. 1, Science Fiction on Women, Science Fiction by Women (Mar., 1980), pp. 49-60.

- LE GUIN, Ursula K., “A Response, by Ansible, from Tau Ceti”, in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *The New Utopian Politics of Ursula K. Le Guin’s The Dispossessed*. New York: Lexington Books, 2005. pp. 305-308.
- _____. *Os despossuídos*. Tradução de Susana L. de Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.
- LINDOW, Sandra J. “Mapping the Walls of *The Dispossessed*”, *Extrapolation*, Texas, v. 52, no. 2, 2011.
- MOYLAN, Tom. *Demand the Impossible: Science Fiction and the Utopian Imagination*. Berlin: Peter Lang, 2014.
- PLAW, Avery. “Empty Hands: Communication, Pluralism, and Community in Ursula K. Le Guin’s *The Dispossessed*” in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *The New Utopian Politics of Ursula K. Le Guin’s The Dispossessed*. New York: Lexington Books, 2005. pp. 265-304.
- STOW, Simon. “Worlds Apart: Ursula K. Le Guin and the Possibility of Method”, in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *The New Utopian Politics of Ursula K. Le Guin’s The Dispossessed*. New York: Lexington Books, 2005. pp. 37-51.
- TUNICK, Mark “The Need for Walls: Privacy, Community and Freedom in *The Dispossessed*”, in: DAVIS, Laurence; STILLMAN, Peter (Ed.) *The New Utopian Politics of Ursula K. Le Guin’s The Dispossessed*. New York: Lexington Books, 2005. Pp 129-147.
- URBANOWICZ, Victor. “Personal and Political in *The Dispossessed*” *Science Fiction Studies*, Indiana, n. 15, v. 5, parte 2 (Jul. 1978).
- WILLIAMS, Raymond. “Utopia and Science Fiction” *Science Fiction Studies*, Indiana, n. 16, v. 5, parte 3, (Nov. 1978).